



**Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Fernandes Figueira
Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher**

***Como nossos pais?* Um estudo sobre a relação entre geração,
sexualidade masculina e autocuidado em saúde.**

Rosane Berlinski Brito e Cunha

**Rio de Janeiro
Março de 2011**



**Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Fernandes Figueira
Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher**

***Como nossos pais? Um estudo sobre a relação entre
geração, sexualidade masculina e autocuidado em saúde.***

Rosane Berlinski Brito e Cunha

Dissertação apresentada à Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências.

**Orientador: Dr. Romeu Gomes
Co-Orientadora: Dra. Lúcia Rebello**

**Rio de Janeiro
Março de 2011**

Dedico este trabalho

Aos **meus pais** que me transmitiram valores e ideais que jamais serão esquecidos e aos **meus filhos** que me mostram todos os dias a possibilidade de transformações e de construção de um mundo mais flexível.

Agradecimentos

Ao meu orientador Prof. Dr. Romeu Gomes que com sua sabedoria e gentileza conduziu este estudo de forma organizada e agradável.

À minha co-orientadora Dra. Lúcia Rebello por sua incansável dedicação, habilidade e organização, me ensinou a ser persistente.

Ao CNPq que tornou possível a utilização do acervo de duas pesquisas.

À Dra Martha Moreira que aceitou fazer parte da minha banca, sempre com carinho e competência.

Ao Dr. Guilherme de Almeida que prontamente aceitou participar como banca da minha defesa, me honrando com sua presença.

Aos membros da Secretaria Acadêmica, pelo suporte sempre presente.

Aos professores da Pós Graduação e aos colegas de curso da turma de 2009.

À equipe do COJ pelo suporte na assistência preenchendo meus momentos de afastamento.

À meus amigos e amigas que torceram por mim, me incentivaram e me apoiaram.

Aos meus filhos que ao se divertirem com minhas dificuldades, sobretudo com a informática, tornaram possível um novo aprendizado

RESUMO

O presente estudo baseia-se em parte do acervo de duas pesquisas realizadas no âmbito da Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz, ambas aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa desse mesmo Instituto e apoiadas pelo CNPq. Pauta-se numa abordagem de pesquisa qualitativa que – ao se utilizar do método de análise das narrativas – busca identificar uma possível relação entre os sentidos atribuídos à sexualidade masculina e ao autocuidado em saúde em narrativas de homens de intervalos geracionais diferentes. Mais especificamente, busca analisar cenários, personagens e enredos sexuais presentes nessas narrativas e como esses homens situam o autocuidado em saúde no contexto da sexualidade. Os marcos conceituais teóricos são geração, masculinidade e enredo sexual. Os sujeitos deste estudo são homens, não médicos, com nível superior de escolaridade ou universitários, residentes na cidade do Rio de Janeiro. Os resultados da pesquisa são apresentados em forma de artigo científico. Conclui-se que o enredo heterossexual atravessa gerações ao reconhecer nas narrativas dos homens jovens a permanência de alguns significados culturais. Entretanto, observam-se também desfechos de conjugalidade reforçando a concepção de amor romântico, a valorização de fidelidade, a integridade e a afetividade. Esta ambivalência mostra que na geração mais jovem existe uma tensão entre mudar e permanecer. Assim, permanências e rupturas de padrões estereotipados e alguns desejos de mudanças tendem a refletir na forma como o homem contemporâneo vive e cuida de si.

Palavras-chave: masculinidade, sexualidade, autocuidado e intervalos geracionais .

ABSTRACT

This study is based on two surveys conducted at the Graduate Health of Children and Women of Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, both approved by the Research Ethics Committee of that Institute and supported by CNPq. The present study uses a qualitative research approach in order to establish a possible relationship between the meaning of male sexuality and health self-care, taking into account the narrative of different generations. More specifically, it seeks to analyze the different scenarios, characters and sexual scripts of these narratives and how these individuals think about health self-care in the context of sexuality. The theoretical conceptual frameworks are generation, masculinity and sexual script. This study's subjects were male individuals, not doctors, with higher education or university, born in the city of Rio de Janeiro. The results of this research are presented in scientific article form. It is concluded that the script heterosexual crosses generations when it recognizes, in the narratives of young men, the permanence of some cultural significance. However, there are also outcomes of conjugal conception reinforcing the romantic and love ideas, the appreciation of loyalty, integrity and affection. Among the young generations, this ambiguity reflects a tension between transformation and permanence. Thus, continuities and ruptures of some desires and stereotyped patterns tend to reveal changes in the current way men live and care for themselves.

Keywords: masculinity, sexuality, selfcare and gaps generational .

SUMÁRIO

Capítulo 1. – Estrutura da Tese

1.1.- Antecedentes do Estudo.....	8
1.2.- Objeto do Estudo.....	11
1.3.- Justificativa	12
1.4 - Objetivos	15
1.5.- Pressuposto.....	16
1.6 - Marco Conceitual Teórico.....	16
1.7 - Metodologia.....	28
1.7.1. – Princípios Metodológicos da análise.....	28
1.7.2 – Os autores das narrativas	29

Capítulo 2. – Artigo

2.1. <i>Como nossos pais?</i> Gerações, sexualidade masculina e autocuidado em saúde.....	31
---	----

Considerações Finais.....	55
----------------------------------	-----------

Referências Bibliográficas.....	57
--	-----------

Capítulo 1 - Estrutura da Dissertação

1.1- Antecedentes do Estudo

Este estudo teve inicialmente como motivação a experiência profissional da autora como psicóloga clínica e terapeuta de família. Através desta experiência foi possível observar que, de um modo geral, os homens jovens, inseridos em um contexto pós epidemia de AIDS, e que vivem uma realidade aparentemente mais liberal em relação à sexualidade e ao papel da mulher na sociedade, ainda reproduzem alguns modelos de masculinidade presentes em gerações anteriores, possivelmente de seus pais. A reprodução destes modelos ainda se faz mais presente quando o tema é sexualidade surgindo uma questão na relação com a forma de cuidar de sua própria saúde.

O interesse por este assunto motivou a pesquisa e a identificação de estudos que abordassem o tema da sexualidade masculina relacionado com gerações e o autocuidado em saúde.

Caminhando nessa direção, o presente estudo baseia-se em parte do acervo de duas pesquisas de cunho qualitativo, que abordam estas questões, ambas realizadas no âmbito da Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz (IFF/Fiocruz), aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa desse Instituto e apoiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A primeira pesquisa, “A construção da masculinidade como fator impeditivo para cuidar de si”¹ objetivou: 1) analisar as representações da masculinidade para profissionais de saúde e para homens que usualmente não buscam atendimento nos

serviços de saúde; 2) analisar os modelos explicativos para as dificuldades de homens cuidarem de si e de profissionais atuarem junto a esse segmento de gênero, principalmente no que se refere à prevenção do câncer de próstata; 3) propor princípios para o campo da Saúde Coletiva no sentido de melhor compreender aspectos sócio-antropológicos da masculinidade, visando ações específicas voltadas para a saúde do homem.

O acervo desta pesquisa compreende 28 entrevistas realizadas com homens que trabalhavam e/ou residiam no Município do Rio de Janeiro – RJ (10 médicos, 10 homens com nenhuma ou pouca escolarização e 8 homens com ensino superior), selecionados por uma prática bastante usual em pesquisa sobre os universos familiares^{2,3}, em que pessoas conhecidas do pesquisador indicam outras a serem entrevistadas, que, por sua vez, indicam outras conhecidas. Essa composição pretendeu problematizar o fato de que o grau de instrução pode interferir no cuidar de si. Ainda em relação a esses homens, foram selecionados aqueles que tinham mais de 40 anos de idade, por conta de ter sido focalizada a prevenção do câncer de próstata.

A coleta dos dados desta pesquisa apoiou-se em entrevistas de profundidade que contemplaram dois roteiros. O primeiro roteiro focalizou a experiência de profissionais de saúde em torno da saúde do homem. O segundo direcionou-se para os homens que usualmente não freqüentam serviços de saúde a partir de questionamentos balizadores, tais como: (1) Em sua opinião, quais são as principais características de ser masculino? (2) O que você pensa acerca da ideia de que os homens procuram menos os serviços de saúde do que as mulheres? (3) Quais são os aspectos voltados para o autocuidado masculino que você julga que os homens têm mais dificuldades? Por que você considera tais aspectos problemáticos? (4) O que você sabe sobre como se prevenir contra o câncer de próstata? Qual é a sua opinião sobre o toque retal como medida de prevenção do câncer de próstata?

A segunda pesquisa, “Sexualidade masculina e cuidados de saúde”⁴, teve como objetivo dar continuidade ao estudo anterior buscando analisar os sentidos atribuídos por homens jovens à sexualidade masculina e aos cuidados de saúde no campo da sexualidade. O acervo dessa pesquisa se constitui de 20 narrativas de jovens residentes de uma comunidade da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro com escolaridade que ia até o curso médio e 22 narrativas de jovens que cursavam o ensino superior, na época da pesquisa.

As narrativas tiveram como disparador a pergunta “qual a sua atitude em relação à sexualidade e aos cuidados em saúde?” baseada no tema da campanha de prevenção da AIDS proposta pelo Ministério da Saúde para o Carnaval de 2008.

Neste caso, o acervo da pesquisa compreende homens jovens, que trabalham, estudam ou moram na cidade do Rio de Janeiro, nascidos na segunda metade da década de 80 do século passado (com menos de 25 anos), que possivelmente tiveram sua iniciação sexual nos anos 90. Esse período foi escolhido devido ao fato deste ser cenário de várias campanhas de prevenção da AIDS.

Na seleção dos sujeitos foi utilizada a mesma técnica da pesquisa anterior, em que pessoas conhecidas do pesquisador indicam outras a serem entrevistadas, que, por sua vez, indicam outras conhecidas^{2,3}. A seleção, ainda – com base em Vaitsman² e Weller⁵ – levou em conta sujeitos pertencentes a uma mesma geração, isto é, um grupo de pessoas que, por ter nascido numa determinada época, experimentou acontecimentos sociais comuns. Inicialmente, foram feitos contatos com homens jovens universitários, no sentido de problematizar se o grau de escolaridade influenciaria nos sentidos atribuídos aos cuidados de saúde no campo da sexualidade. Após uma análise inicial das dez primeiras narrativas, resolveu-se buscar narrativas de homens jovens não-universitários e pertencentes à classe popular. Essa decisão foi tomada para não só problematizar o fato de ser ou não

universitário, mas também para levar em conta a perspectiva de uma classe sócio-econômica diferente da maioria dos universitários. O primeiro informante-chave do primeiro grupo foi um homem jovem que cursava História na Universidade Federal do Rio de Janeiro; enquanto o informante-chave do segundo grupo foi um homem jovem que pertencia a um grupo de jovens da Rocinha, comunidade do Município do Rio de Janeiro – RJ. Foram realizadas 42 narrativas de homens jovens, sendo 22 com homens com ensino superior (completo ou incompleto) e 20 não universitários.

1.2. - Objeto de Estudo

Com base nas considerações apresentadas, delimitou-se como objeto de estudo desta pesquisa os sentidos atribuídos por homens, de intervalos geracionais¹ diferentes, à sexualidade masculina e ao autocuidado em saúde². Com isso pretende-se verificar se as questões ligadas ao intervalo entre gerações exercem influência sobre os enredos sexuais dos homens que tem acesso a informação e sobre o autocuidado em saúde, da mesma forma que os modelos de masculinidade. Pretende-se, ainda, verificar se os modelos culturais de masculinidade do senso comum conseguem influenciar homens jovens que cursam ou cursaram o Ensino Superior.

1.3. - Justificativa

¹ Na Biblioteca Virtual em Saúde, o termo intervalo geracional é citado como descritor, sendo definido como espaçamento entre grupos de indivíduos que compartilham simultaneamente a mesma condição. Corresponde à duração média de uma geração.

² Na Biblioteca Virtual em Saúde, o termo autocuidado é citado como descritor, sendo definido como cuidado prescrito por médico ou efetuado pela própria pessoa e inclui cuidado para si mesmo, família ou amigos. No entanto, neste estudo, o autocuidado não está sendo vinculado à prescrição médica, mas às negociações de medidas preventivas envolvendo sexualidade e saúde.

Com foco na especificidade do objeto desta pesquisa, foi realizada uma consulta ao DeCS – Descritores em Ciências da Saúde (<http://decs.bvs.br/>) em abril de 2009 com a proposta de selecionar os descritores mais adequados ao estudo. Foram identificados e selecionados os seguintes descritores: sexualidade, sexo seguro, juventude, homens, saúde do homem, autocuidado e intervalo entre gerações. A partir desses descritores, pesquisou-se a produção do conhecimento sobre o assunto. O quadro que segue apresenta os resultados da pesquisa (via descritores) realizada na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS).

Descritores	Total de referências identificadas	Bases
Sexualidade, sexo seguro e juventude	16 artigos	Medline (14) Lilacs (2)
Sexualidade, sexo seguro e juventude, homens e saúde do homem	Nenhuma referencia	
Sexualidade, homens e autocuidado	Nenhuma referencia	Medline (3)
Sexualidade, sexo seguro e juventude, intervalo entre gerações	Nenhuma referencia	
Sexualidade, homens e autocuidado e intervalo de gerações	Nenhuma referencia	
Total de referencias para estes descritores	16 artigos	Medline (17) Lilacs (2)

Buscando ampliar esta revisão, realizou-se nova busca na BVS, desta vez através do ‘método integrado’ utilizando-se os termos geração, sexualidade e saúde do homem. Nesta nova busca, foram identificados 22 artigos.

A maioria dos artigos encontrados não aborda o tema do ponto de vista dos modelos culturais masculinos relacionados às diferenças e semelhanças entre os cenários geracionais articulados ao autocuidado em saúde.

Considerando que estas questões poderiam subsidiar a discussão sobre promoção da saúde do homem no campo da sexualidade buscou-se contribuições da

sociologia e da antropologia. O olhar destas ciências tem como objetivo contextualizar junto aos aspectos sociais e culturais a construção das normas e modelos de sexualidade compartilhados entre pares, estabelecendo um diálogo com os estudos sobre as transformações geracionais.

Ao retomar as análises históricas e sociológicas sobre as famílias patriarcais e burguesas constatou-se que tinham como modelo normativo a sexualidade vinculada à reprodução. Observou-se que todas as outras formas de sexualidade eram rotuladas de desvio. O questionamento destes modelos normativos teve seu destaque a partir dos estudos antropológicos, que ao utilizarem os dados etnográficos, apresentam diferentes leituras da sexualidade. Esta visão proporcionou uma reflexão sobre novas possibilidades de articulação com esse tema. Estudos ^{6,7,8} mostram que a vida afetiva e sexual de homens e mulheres é sem dúvida, delimitada pelos cenários onde ocorrem e pelas interações neles estabelecidas.

Corroborando com o pensamento de Alves⁹, priorizou-se o tema das gerações por julgar sua pertinência como ponto central deste estudo que analisa a produção de normas sexuais compartilhadas entre pares.

Analisando as produções sobre diferentes gerações em um mesmo período cronológico ou em tempos históricos distintos, Weller ⁵ afirma que estes estudos são essenciais aos enunciados e definições de políticas públicas aplicadas. Esta autora ainda considera que este enfoque pode ajudar a obter uma melhor compreensão das polaridades existentes bem como dos aspectos políticos, sociais e econômicos formadores dessas polaridades.

No que se refere ao campo da Saúde Coletiva, observou-se que as discussões sobre o masculino e o feminino vêm se desenvolvendo cada vez mais, sob a perspectiva relacional de gênero. Estudos como de Gomes¹⁰ e Carrara ¹¹ – que

abordam a necessidade do surgimento de serviços de saúde para homens – salientam o enfoque no conceito de atenção integral. Este conceito, que considera a promoção de saúde como satisfação das necessidades humanas, preconiza uma política relacional de gênero visando à equidade, objetivando prevenção, promoção e proteção básica à saúde.

Apesar destas visões, observa-se que a adesão dos homens às medidas de saúde integral ainda se constitui num grande desafio à saúde pública^{10,12}.

Pesquisas como de Bozon¹³ ressaltam que, de um modo geral, as estratégias de intervenção conhecidas não levam em consideração os contextos culturais e sociais que os sujeitos estão inseridos. Estas estratégias não costumam dar voz aos sujeitos no sentido de buscar compreender a lógica das suas narrativas acerca do exercício da sua sexualidade. Na maioria das vezes, prioriza os estudos sobre epidemiologia e as medidas sanitárias. Portanto, a partir da constatação do progressivo aumento desta discussão com bases nas questões de direitos e equidade, não se pode deixar de considerar a relevância dos estudos que através da análise da narrativa dos sujeitos possam contribuir para que a saúde coletiva discuta esse assunto sob a ótica das masculinidades.

Este estudo, portanto, busca compreender a influência da construção da masculinidade, com marcas identitárias, no cuidar de si numa perspectiva preventiva, analisando os sentidos atribuídos à sexualidade masculina relacionando com o universo geracional. A percepção da articulação entre estas três áreas torna-se o grande desafio desta pesquisa.

Espera-se com isto, contribuir para que essa discussão possa ocorrer empiricamente e, caminhar na produção de conhecimentos para instrumentalizar as práticas de saúde.

1.4. - Objetivos

1.4.1. - Geral

Analisar a relação entre os sentidos atribuídos à sexualidade masculina e ao autocuidado em saúde por homens de intervalos geracionais diferentes que cursam ou cursaram Ensino Superior.

1.4.2. - Objetivos específicos

- a) Identificar cenários, personagens e enredos sexuais presentes nas narrativas de homens pertencentes a dois intervalos geracionais.
- b) Identificar como os homens pertencentes a dois intervalos geracionais situam o autocuidado em saúde no cenário da sexualidade.

1.5. - Pressuposto

Parte-se do pressuposto de que o modelo hegemônico de masculinidade influencia os enredos sexuais e o autocuidado em saúde de homens de diferentes intervalos geracionais, ainda que estes homens tenham acesso à informação.

1.6. - Marco Conceitual Teórico

O estudo ancora-se nos seguintes marcos conceituais teóricos: geração, masculinidade e enredo sexual.

Os estudos sobre gerações vêm se destacando muito nas pesquisas e nos debates das ciências sociais, com relevância para o tema da juventude. Embora as

primeiras posições destes estudos terem sido baseadas na biologia, a articulação com o social foi decisiva para melhor compreensão deste tema.

De acordo com Motta¹⁴, na análise científica do conceito de geração, há três perspectivas que se entrecruzam: coorte, grupos etários e geração.

A expressão coorte está relacionada a aspectos estatísticos e demográficos e é a menos sociológica entre as três.

A noção antropológica está mais relacionada a grupos etários e a posições na família dentro de uma organização social. Esta visão contribuiu com a discussão que relaciona linearmente sexualidade/geração/reprodução, através dos estudos que se utilizaram de dados etnográficos.

O terceiro sentido que é o mais sociológico dentre eles, define geração como coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, que tem aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência^{2,5,9,13}. A maioria dos autores, como Motta¹⁴, Alves⁹, Domingues¹⁵ considera este sentido como a mais interessante e completa tentativa sociológica de dar conta deste tema. Portanto, optou-se por utilizar este conceito neste estudo.

Ainda sobre o conceito de geração, Motta¹⁴, destaca que este não deve ser definido nem como algo puramente social ou histórico, nem descrito como grupo etário. Observa que o mesmo contexto social não afeta igualmente a todos os indivíduos de uma mesma geração. A autora ainda nos mostra que cada momento histórico se realiza com a presença simultânea de várias gerações que mesmo sendo contemporâneas não tem as mesmas experiências e trajetórias de vida.

Para dar conta destas questões, Motta¹⁴ propõe fracionar o conceito de gerações em grupos concretos que chamou de “unidades de geração”. Groppo¹⁶, explica a unidade de geração como sendo constituída por um repertório comum de

experiências sociais, dramáticas ou não, singulares ou cotidianas, de indivíduos situados nas mesmas faixas etárias, principalmente naquelas faixas de transição à maturidade, como a juventude.

Por outro lado destaca-se que apesar de todos conviverem com pessoas da mesma e de diferentes idades, para cada um o mesmo tempo é um tempo diferente ¹⁴.

Ainda analisando os limites deste conceito, Alves⁹ observa que para pertencer a uma mesma geração não basta uma idade aproximada, mas é necessária a reunião de condições subjetivas que permitam a participação do indivíduo na produção dos mesmos códigos de entendimento. Acredita, ainda, haver um *ethos* comum estabelecido nesta interação. A autora entende *ethos* como uma expressão organizadora das emoções dos indivíduos na cultura em que vivem. Refere-se ao conteúdo da vida afetiva desse grupo de pessoas que se expressa em atitudes emocionais comuns. Este depende da aceitação dos outros membros daquela geração e do discurso de pertencimento e de identificação baseado em eventos que ele participou e testemunhou diretamente.

Alves ainda acrescenta que o pertencimento geracional é também um ato de memória que só se materializa como grupo depois que os símbolos definidos como tal são processados na memória coletiva.

“A gramática geracional, ou seja, os códigos que são entendidos pelos indivíduos de uma mesma geração, cria um vocabulário que confere inteligibilidade às ações individuais num determinado contexto e, assim, contribui para a construção de trajetórias individuais”.⁹ (p14)

A partir da análise da “gramática geracional” em homens de diferentes gerações torna-se possível compreender a construção e a manutenção de modelos nos

roteiros sexuais masculinos e sua relação com os cuidados em saúde do homem, o que se constitui tema central deste estudo.

Para estudar distintas gerações deve ser considerado as dimensões hermenêuticas (normativas, cognitivas e expressivas) das diversas coletividades que se influenciam umas às outras. Este jogo de influências é importante para que se possa de fato entender como se constituem as coletividades particulares e a vida social ¹⁵.

“A vida social é tecida e se constitui como uma rede interativa, multidimensional, na qual atores individuais e coletividades se influenciam de forma mútua causalmente.”¹⁵
(p 68)

Portanto, segundo essa concepção, uma geração não se define isoladamente, e sim na interação com outras gerações onde cada uma delas vai delinear sua identidade e contribuir para a produção das outras. Isto permite conceituar as diversas gerações relacionando-as com outras subjetividades coletivas, que se entrecruzam tais como gêneros, raças, escolaridade, família e outros.

Baseando-se nestas considerações, este estudo, busca um recorte do universo de duas unidades geracionais diferentes considerando como critério de inclusão homens, com nível de escolaridade superior (completo ou incompleto), residentes na cidade do Rio de Janeiro.

Ao considerar que as normas compartilhadas entre pares podem contribuir para a construção da masculinidade esta pesquisa busca relacionar o universo geracional com o modelo de masculinidade hegemônico dentro da perspectiva relacional de gênero.

O conceito de masculinidade é, portanto, o segundo marco conceitual teórico deste estudo que privilegia o conceito de Gomes¹⁷. O autor entende masculinidade como um espaço simbólico que serve para estruturar a identidade de ser homem, modelando atitudes, comportamentos e emoções a serem adotados.

“Aqueles que seguem tais modelos não só recebem o atestado de homem como também não são questionados e nem se tornam objeto de estigma pelos que compartilham desses símbolos”¹⁷ (p 70).

Destacam-se ainda estudos sobre a diferença entre as expressões “masculinidade” e “homem”. Para Fernandez¹⁸, homem é aquele que possui certas características sexuais fisiológicas e padrões que permitem um reconhecimento mais evidente como tal. Já o masculino, segundo o autor é um conceito que circula de maneira mais livre ao reconhecer que tanto homem como mulher tem ou podem ter tanto características masculinas como femininas.

No entanto, Gomes¹⁷, comenta que a percepção do masculino como oposto do feminino ainda está muito incorporada ao nosso cotidiano. Na pesquisa que realizou em 2004 – a qual parte do seu acervo foi utilizada neste estudo - os entrevistados, recorreram a ideias opostas ao que julgavam pertencer às mulheres para definir o que é ser homem.

Em geral, os homens consideram que ser homem é diferente de ser mulher e buscam respaldo na ciência e na educação para explicar estes significados. Utilizam como justificativa para esta diferença os códigos culturais e os aspectos biológicos tais como constituição física e fisiológica.

A historiadora Del Priore¹⁹ relata que os homens se descrevem como dominadores, além de mais ativos, ousados e aventureiros do que a mulher atribuindo esta ideia

a sua conformação física e muscular. Afirmam que possuem biologicamente um instinto para a conquista o que justifica seu descontrole e a necessidade de ter várias mulheres. Em contrapartida, acreditam que a maternidade conferiu à mulher uma estrutura psicológica e emocional passiva, mais resistente e controlada, com tendência à submissão. Para eles, a aventura e a iniciativa estariam menos presentes na personalidade feminina.

Esta descrição reflete ainda uma influência da educação, já que os meninos desde a infância são educados seguindo padrões diferentes dos estabelecidos para as meninas. Estudos nos mostram que estes para se constituírem como homens são estimulados a expressar a sua virilidade por meio da rejeição de comportamentos tidos como femininos. Este padrão de masculinidade é idealizado por meninos e homens não tanto pelo desejo de serem viris, mas pelo medo de serem vistos como pouco viris ou, aos olhos dos outros virarem mulher ^{13, 17, 20}.

Welzer-Lang ²⁰ em seu estudo sobre “a casa dos homens” afirma que na educação dos meninos, os lugares monossexuados são estruturantes do masculino. Neles os homens incorporam a ideia de que devem negar tudo aquilo que possa associá-lo às mulheres. Esses espaços podem estar presentes em todas as fases da vida (pátios de colégios, clubes, bares, prisões entre outros). Nessa “casa”, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade. Assim, para o autor, cada homem se torna ao mesmo tempo iniciado e iniciador.

Esta aprendizagem também pode ser desenvolvida na sociabilidade entre os gêneros.

“Ser homem ou ser mulher traduz-se por circunstâncias que nos precedem e não tem a ver necessariamente, com escolha sexual ou com determinada fisiologia, mas com a maneira de estarmos no mundo como seres culturalmente masculinos ou femininos”.¹⁷ (p.80)

A partir desta visão do masculino, alguns homens ainda se encontram ligados aos modelos hegemônicos que tem herdado. Apesar de considerar a ocorrência de profundas transformações nas relações de gênero e ainda acreditar que estas tenham produzido mudanças complexas nas condições e práticas aderidas por homens e mulheres, percebe-se que ainda são encontrados resquícios de uma sociedade patriarcal.

No modelo de masculinidade hegemônica, Gomes¹⁷, destaca como eixos estruturantes a heterossexualidade e a dominação. Este se forma através de um processo de auto-aprovação e aprovação de outros homens. Exerce em geral, um efeito controlador excluindo o campo emocional dos discursos masculinos, sendo visto como algo do feminino.

Vários autores mostram que existe uma articulação entre modelo de masculinidade e o autocuidado em saúde^{12,21,22,23,24,25}. Na sociedade contemporânea, a preocupação com as questões de saúde bem como cuidar de si e dos outros não são tidos como atribuições masculinas. Os homens procuram menos os médicos do que as mulheres, justificando esta idéia pelo fato de que “cuidado” estaria mais associado ao feminino e a socialização dos homens estaria mais associada à invulnerabilidade, força e virilidade. Estas características, incompatíveis com a

demonstração dos sinais de fraqueza, medo, ansiedade e insegurança representada pela procura de serviços de saúde, colocaria em risco a masculinidade e os aproximaria da feminilidade. Para ser masculino, é esperado do homem que esconda suas emoções e negue necessidade de ajuda, o que o leva a ignorar os sinais que podem alertar para a existência de problemas de saúde ^{17,20, 21}.

Korin ²³ evidencia que existe uma situação paradoxal no sentido que os homens, por se considerarem fortes e poderosos, além de se exporem mais a situações de risco ^{17, 21}, assumem um papel de dependência em relação aos cuidados com a própria saúde, sendo cuidado primeiro por suas mães e depois por suas esposas e companheiras.

Assim, alguns comportamentos de risco ligados à saúde são culturalmente definidos como masculinos. Ao assumi-los, os homens asseguram sua masculinidade se sentindo leais e aceitos por seus pares. Os jovens por sua vez, são educados a não adotar comportamentos femininos com o perigo de serem ridicularizados ou estigmatizados chegando muitas vezes a se expor a situações de risco para evitar que se pareçam frágeis como as mulheres.

Em meio à relativização do que é ser homem, atualmente, cada vez mais, cresce a discussão do modelo de masculinidade hegemônica. Embora tal modelo seja idealmente formulado e dificilmente seguido por todos os homens, ele consiste numa referência que se impõe e se relaciona com outros modelos.

Para Connel ²⁷, há múltiplas masculinidades e, em seu conjunto, pode haver uma que ocupa um lugar de hegemonia, entendida como um modelo a ser seguido nas relações de gênero e como uma posição sempre disputada, sem, contudo se constituir num tipo de caráter fixo no tempo e no espaço.

“No estudo das masculinidades é fundamental evitar reduzir as análises apenas a traços ou características diretamente associáveis ao hegemônico ou ao seu polar, marginalizado, pois na vida cotidiana deve-se levar em conta a posição concreta e particular dos sujeitos em cada grupo de referência.”¹² (p. 15)

Na contemporaneidade, o ser masculino já pode ser associado à fragilidades, angústias, crises, modismos e aparentes contradições, o que foi chamado de “crise de masculinidade”. Silva²⁸ considera que a crise da masculinidade contemporânea foi um reflexo do movimento feminista ocorrido no final da década de 60, e levou alguns homens a buscarem um modelo que melhor conseguisse descrever suas subjetividades.

No entanto alguns autores observam que a masculinidade não está em crise, mas sim em transformação, “algo que se procura conquistar”.^{10,29} Acredita-se que esta ideia vem sendo construída a partir da existência do colapso histórico da legitimidade do poder patriarcal e do movimento global pela emancipação das mulheres.

Apesar de todas essas mudanças sócio estruturais e todos os movimentos que vão de encontro à hegemonia masculina, esta ainda encontra nos dias de hoje um espaço simbólico muito valorizado na construção da identidade masculina em diversos segmentos sociais.

Além dos modelos de masculinidade citados, existem outras referências identitárias, como classe social, raça/etnia e grupo etário que também devem ser levados em conta quando se estuda modelos. Estas referências estão em geral vinculadas a contradições internas e rupturas históricas. Portanto o status de ser homem está também relacionado ao contexto em que este está inserido ¹⁷.

Esse olhar sobre o masculino permite uma compreensão dos universos de gênero construídos a partir de modelos excludentes, monolíticos e redutores.

Por fim, este estudo terá como marco conceitual, o conceito de enredo sexual baseado na síntese conceitual elaborada por Gomes¹⁷ que partilha das concepções de Gagnon⁸ sobre roteiros sexuais e de Bozon¹³ sobre scripts sexuais.

As especificidades da sexualidade masculina serão abordadas como construção social dentro de um contexto cultural entendendo que a conduta sexual não se expressa da mesma forma em todas as épocas históricas, nem em todos os espaços culturais.

“Como construção social, a sexualidade humana implica, inevitavelmente, na coordenação de uma atividade mental com uma atividade corporal, aprendidas através da cultura. Construída socialmente pelo contexto cultural em que está inscrita, essa sexualidade extrai sua importância política daquilo que contribui para poder estruturar as relações culturais das quais depende. Assim, a sexualidade tem um papel importante não apenas na legitimação da ordem estabelecida entre os sexos, como também na representação da ordem das gerações.”¹³ (p. 98)

Portanto, os saberes, representações e conhecimentos sobre a sexualidade são produtos culturais históricos que contribuem para moldar e modificar os cenários culturais da sexualidade.

Segundo Gagnon,⁸ a sexualidade não é um fenômeno idêntico em todas as épocas históricas e espaços culturais, isto significa que não podemos falar desta como um “imperativo sexual biológico ou do desenvolvimento” expressado da mesma forma em todas as eras e lugares. Também não pode ser vista como uma arena onde se

dá uma luta entre as necessidades individuais e as proibições sociais. A vida sexual se assemelha a toda vida social, provocada por situações sociais e culturais, diferindo de uma época para outra bem como de uma cultura para outra.

Sendo assim todos os tipos de conduta sexual tem de ser entendidos como fenômenos locais, com sentidos e propósitos específicos em contextos cultural-históricos particulares ⁸.

O estudo da sexualidade masculina é central para a compreensão da construção das identidades sexuais, tanto do sexo masculino quanto feminino. Segundo Bozon ¹³, a sexualidade também contribui para conferir estatutos diferentes aos homens e as mulheres. Estes não só necessitam de um aprendizado social para saber de que maneira, quando e com quem agir sexualmente, como não conseguem agir sem dar sentido aos seus atos.

Ao propor analisar os cenários sociais e culturais, vividos por homens de distintas gerações, e sua influência nos enredos sexuais pretende-se investir numa perspectiva analítica baseada em aspectos da teoria sociológica de Gagnon ⁸.

Esse autor, junto com William Simon, cunhou a expressão roteiro sexual para dar conta de elementos simbólicos e não verbais numa seqüência de condutas organizadas e delimitadas no tempo.

“Esses roteiros fornecem o nome dos atores, descrevem suas qualidades, indicam motivos do comportamento dos participantes e estabelecem a seqüência de atividades apropriadas, verbais e não-verbais, que devem ocorrer para que o comportamento se conclua com êxito e para permitir a transição para novas atividades”¹³ (p.14).

Examinar a conduta sexual pela perspectiva dos roteiros sexuais permite organizar e relacionar o que as pessoas pensam, o que fazem e a maneira como são afetadas com o contexto sociocultural em que vivem.

Outra ideia associada a roteiro sexual é a do sociólogo Bozon ¹³ que aborda o conceito de scripts sexuais. O autor parte do princípio que todas as experiências sexuais são construídas como scripts, ou seja, foram apreendidas, codificadas e inscritas na consciência, estruturadas e elaboradas como relatos.

Ainda em termos conceituais, Bozon¹³ baseando-se em Gagnon, afirma que existem três tipos de scripts que podem ser distinguidos de acordo com o seu campo de ação: os intrapsíquicos, os interpessoais e os culturais, que se manifestam respectivamente no plano subjetivo da vida mental, no plano da organização das interações sociais e no plano de prescrições culturais mais gerais.

Ao estudar as normas de condutas masculinas, com foco na sexualidade e no autocuidado em saúde, observa-se que estas crescem num determinado meio socialmente estruturado, numa dada situação histórica e cultural que tem como pano de fundo, questões que envolvem os macrocenários vividos e as relações pessoais.

Ao reconhecer a existência da diversidade sexual e cultural busca-se uma melhor compreensão das questões que podem influenciar de fato as iniquidades de saúde, contribuindo para que as ações de promoção de saúde sejam mais eficazes.

Portanto, ao desejar caminhar no enfrentamento destes impasses, torna-se necessário o conhecimento das imagens e dos significados atribuídos pelos sujeitos, a partir de permanências culturais que se estruturam em torno da sexualidade masculina.

1.7 Metodologia

1.7.1. Princípios Metodológicos da Análise

Este estudo, como se mencionou, consiste na análise de parte do acervo de duas pesquisas. Baseia-se na abordagem de pesquisa qualitativa, por concordar com a ideia de que essa abordagem é a mais adequada para se pesquisar significados, crenças e valores.

A pesquisa qualitativa é entendida como um conjunto de práticas interpretativas que busca investigar os sentidos que os sujeitos atribuem aos fenômenos e ao conjunto de relações em que eles se inserem ³⁰. Nesta abordagem, com base em princípios da hermenêutica dialética, busca-se caminhar na compreensão e na contextualização dos sentidos subjacentes às narrativas dos sujeitos investigados³¹.

O acervo deste estudo consiste de narrativas de homens com curso superior ou que cursavam esse nível, perfazendo um total de 29 narrativas, sendo 7 da primeira pesquisa e 22 da segunda.

No que se refere à análise do acervo, privilegia-se o estudo das narrativas que problematizam a relação entre culturas ou formas simbólicas e experiências. As narrativas podem ser entendidas como a forma na qual a experiência é representada e recontada. Os eventos são apresentados como tendo uma ordem significativa e coerente, possibilitando uma articulação entre o passado, presente e futuro ³².

Em termos de trajetória analítica, com base na proposta de Gomes e Mendonça ²⁸, numa primeira etapa, busca-se compreender o contexto das narrativas de construção da sexualidade e de autocuidado em saúde de homens de duas gerações distintas. Estas narrativas são analisadas a partir de um breve estudo do contexto histórico e sociocultural da sexualidade em relação às primeiras experiências sexuais masculinas.

A segunda etapa tem como objetivo, desvendar os aspectos estruturais da narrativa – os cenários, os personagens e espaços evocados, eventos mencionados para se contar como aconteceu, o enredo e o desfecho delineado pelos narradores.

Como terceira etapa, foi elaborada uma síntese interpretativa, em que os dados revelados pelas narrativas dialogaram com contexto sócio-histórico.

1.7.2. Os autores das narrativas

Os autores das narrativas são homens de dois intervalos geracionais que cursaram ou que cursavam na época da coleta dos dados o Ensino Superior.

O primeiro grupo (da Pesquisa I) é composto por homens, que na época da pesquisa, tinham entre 40 e 50 anos - nascidos nos anos 60 - e moravam ou trabalhavam na cidade do Rio de Janeiro – RJ. Nesse sentido, ainda que o acervo

da primeira pesquisa seja composto de oito narrativas, apenas sete serão analisadas. O critério de exclusão baseou-se no fato de o entrevistado não pertencer ao mesmo intervalo geracional que os demais deste grupo, por ter idade de 64 anos no período em que foram feitas as entrevistas.

O segundo grupo (da Pesquisa II) é composto por 22 homens jovens universitários, situados na faixa etária de 21 a 24 anos - nascidos nos anos 80 - que na época da coleta de informações moravam ou estudavam na cidade do Rio de Janeiro – RJ.

Tendo em vista que a análise focalizou a iniciação sexual dos homens dos dois grupos, foram considerados como cenário dos enredos sexuais dois intervalos geracionais: a década de 70 para o primeiro grupo e a década de 90 para o segundo grupo.

Capítulo 2. Artigo

Pelo regulamento do Programa de Pós Graduação em Saúde da Criança e da Mulher (PGSCM), vinculado ao Instituto Fernandes Figueira (IFF), unidade da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), as dissertações podem assumir o formato clássico, a forma de um livro ou a de artigos. Em consenso com o orientador e co-orientadora, a opção foi apresentar o desenvolvimento desta dissertação na forma de artigo científico entendendo que esta modalidade propicia uma divulgação mais rápida dos resultados obtidos.

O artigo apresenta os principais resultados da análise das narrativas de 29 homens, sujeitos da pesquisa que resulta nesta dissertação, buscando discutir a relação entre os sentidos atribuídos por homens, de dois intervalos geracionais, à sexualidade masculina e ao cuidar de si.

O artigo está formatado segundo exigências da **Physis: Revista de Saúde Coletiva** - publicação trimestral do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS-UERJ) – ao qual foi submetido em 25 de fevereiro de 2011 ("PHYSIS-429).

Como nossos pais? Gerações, sexualidade masculina e autocuidado

Like our parents? Generation, masculinity sexuality and self care.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação entre os sentidos atribuídos por homens, de dois intervalos geracionais diferentes, à sexualidade masculina e ao cuidar de si. Buscou-se identificar se houve mudança no posicionamento destes homens em relação aos cuidados em saúde e se esta mudança é influenciada por aspectos geracionais. O estudo ancora-se nos marcos conceituais teóricos: geração e roteiro sexual. O desenho metodológico é de análise de narrativas. As fontes analisadas são parte do acervo de duas pesquisas realizadas na cidade do Rio de Janeiro com homens com ensino superior e universitários, que tiveram iniciação sexual nos anos 70 e 90, respectivamente. Os resultados mostram que os homens estudados se acham confrontados com a inadequação da construção social do masculino e as novas demandas femininas, buscando um novo modelo. Observou-se permanências e rupturas de padrões hegemônicos da masculinidade, o que está relacionado com a forma como o homem cuida de si.

Palavras-chave: intervalo entre gerações, sexualidade, masculinidade e autocuidado.

Abstract

This article aims to examine the relationship between the meanings of male sexuality and how male individuals from two different generations take care of their health. We sought to identify whether there were changes regarding the standing of these men in relation to health care, and whether these changes were influenced by generation gaps. The study is anchored in two theoretical conceptual frameworks: generation and sexual script. For this study we used the narrative analysis methodology. The sources of this study are part of two surveys conducted in Rio de Janeiro with men of higher education as well as university students, whose sexual initiation occurred during the 70th and 90th, respectively. The results show that the subjects are currently facing an inadequate male's social model in conjunction with the new social demands from the females, therefore, seeking a new model for themselves. During this study,

both permanent and changing patterns of hegemonic masculinity were noted to be related to how men take care of their own health.

Key words: Interval between generations, sexuality, masculinity and self-care.

INTRODUÇÃO

As relações entre modelos de masculinidade e cuidados de saúde vêm sendo amplamente discutidos no âmbito da saúde pública (Costa, 2003, Gomes et al, 2007, Korin, 2001, Schraiber, Gomes e Couto, 2005, Courtenay, 2000 e 2002, Payne, 2004), destacando que o modelo hegemônico de ser homem, além de exercer influência no cuidado do homem consigo mesmo e com os outros - o autocuidadoⁱ - trazem implicações diretas na saúde feminina.

Nesse sentido, este modelo de masculinidade tem se estruturado como uma barreira cultural entre o homem e o autocuidado nas negociações de medidas preventivas (Gomes, 2003).

A resistência dos homens em se cuidar decorre das variáveis culturais ligadas aos estereótipos de gênero que permanecem na nossa cultura. O “ser homem” estaria relacionado à ideia de invulnerabilidade, força e virilidade (Gomes, 2008; Courtenay, 2000) e, portanto, cuidar de si e dos outros pode não ser visto como atribuições masculinas, estando associado ao feminino (Gomes et al, 2007; Schraiber, Gomes e Couto, 2005; Payne, 2004). Esta ideia pode, entre outros aspectos, levar os homens a práticas sexuais que colocam a si e seus parceiros em situação de vulnerabilidade.

A partir dessa perspectiva, pretende-se analisar a influência dos modelos de masculinidade compartilhados pelo senso comum nos enredos sexuais de homens

de intervalos de gerações diferentes. Busca-se, ainda, analisar se esses modelos influenciam o autocuidado de homens que, em princípio, têm acesso à informação.

A discussão ancora-se em dois marcos teórico-conceituais. O primeiro deles é o de geração. Essa categoria analítica, como observa Alves (2009), pode ser considerada a partir de duas perspectivas. A primeira se refere ao posicionamento no interior da estrutura de parentesco, vinculada a organização social do ciclo de vida, enquanto a segunda diz respeito ao coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, que têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência (Alves, 2009). Este artigo trabalha com a segunda perspectiva.

O estudo de distintas gerações, segundo Domingues (2002), pressupõe que deve se considerar as dimensões hermenêuticas (normativas, cognitivas e expressivas) das diversas coletividades que influenciam umas às outras. Este jogo de influências é importante para que se possa de fato entender como se constituem as coletividades particulares e a vida social.

Roteiro sexual, baseado na perspectiva sociológica de Gagnon (2006), é o segundo marco teórico-conceitual do nosso estudo. Esse conceito se refere a um conjunto de elementos simbólicos e não verbais ligados à sexualidade. Estruturam uma seqüência de condutas delimitadas no tempo, que configuram os atores, descrevem suas qualidades, indicam motivos do comportamento dos participantes encaminhando a finalizações exitosas (Gagnon, 2006). Esses roteiros são construídos a partir das experiências sexuais que foram apreendidas e inscritas na consciência, formando scripts. Devido à sexualidade humana ter limites, os scripts sexuais irão descrever os cenários de uma sexualidade possível (Bozon, 2004). Segundo Bozon (2004), há três categorias de scripts: os intrapsíquicos, os interpessoais e os culturais, que se manifestam respectivamente no plano subjetivo da vida mental, no plano da organização das interações sociais e no plano de prescrições culturais mais gerais ou cenários culturais, estes funcionam como esquemas de interpretação. Os scripts culturais têm uma função estruturante para o imaginário sexual de grupos, para os relacionamentos e para os indivíduos. O principal efeito da estruturação dos scripts é inscrever a sexualidade em uma dramaturgia dos roteiros sexuais.

Neste artigo serão considerados os enredos sexuais de homens de duas gerações distintas no sentido de problematizarmos o autocuidado relacionado à saúde sexual.

Nos enredos serão focalizadas as primeiras experiências sexuais, verificando tanto as homologias como as especificidades dos relatos dessas experiências.

MATERIAL E MÉTODO

O corpo analítico deste estudo é constituído por parte do acervo de duas pesquisas realizadas com homens na cidade do Rio de Janeiro.

A primeira delas, sob o título *A construção da Masculinidade como Fator Impeditivo do Cuidar de Si*, teve a proposta de compreender algumas ideias que se encontram no imaginário social relacionadas ao “ser homem” que podem comprometer a saúde dos homens. A segunda pesquisa, intitulada *Sexualidade Masculina e Cuidados de saúde*, se propôs a analisar os sentidos atribuídos por homens à sexualidade masculina e aos cuidados de saúde no campo da sexualidade.

Ambas as pesquisas de cunho qualitativo, aqui denominadas Pesquisa I e Pesquisa II, foram desenvolvidas com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Fernandes Figueira/ Fundação Oswaldo Cruz.

O acervo da pesquisa I compreende 28 entrevistas realizadas com homens com idade acima de 40 anos, sendo: 10 médicos, 8 homens com ensino superior (não médicos), 10 homens com nenhuma ou pouca escolarização –que declararam ter iniciação sexual nos anos 70. O acervo da pesquisa II compreende 42 narrativas de homens jovens (20 com baixa escolaridade - séries iniciais do ensino básico - e 22 universitários) nascidos na segunda metade da década de 80, que declararam ter iniciação sexual nos anos 90.

Nas duas pesquisas a seleção dos sujeitos foi realizada a partir do critério de universos familiares (Velho, 1982; Vaitsman, 1994). Neste sentido, pessoas conhecidas do pesquisador indicaram outras a serem entrevistadas, e estes, por sua vez, indicaram novos entrevistados. Outro critério utilizado foi o de os sujeitos pertencerem a uma mesma geração (Vaitsman, 1994).

Privilegiou-se o acervo destas pesquisas ao pretender estudar homens pertencentes a diferentes intervalos geracionais e por focalizar aspectos culturais que possivelmente possam influenciar os homens em relação ao autocuidado voltado

para a saúde e sexualidade. Esta amostra foi composta a partir dos seguintes critérios recomendados por Minayo (2002): (a) escolher os sujeitos que detêm os atributos relacionados ao que pretende-se estudar; (b) considerar tais sujeitos em número suficiente para que se possa ter certa reincidência das informações; (c) considerar a possibilidade de inclusões sucessivas de sujeitos até que seja possível uma discussão densa das questões da pesquisa. Assim, na amostra, não foi buscada uma representatividade numérica e sim um aprofundamento da temática.

Partiu-se da hipótese de que na narrativa dos sujeitos que tiveram sua iniciação sexual nos anos 90 (pesquisa II), se comparados com os homens que tiveram sua iniciação sexual nos anos 70 (pesquisa I), podem ser identificadas: 1) mudanças no posicionamento da família em relação à sexualidade; 2) aspectos de ruptura e continuidade no que diz respeito à relação entre masculinidade e interações afetivo-sexuais; 3) mudanças de atitudes de autocuidado em saúde sexual.

Nesse sentido, foram selecionadas, no acervo da pesquisa I, as narrativas de homens com ensino superior (não médicos) - aqui tratados com nomes fictícios iniciados pela letra **M** - e no acervo da pesquisa II, as narrativas de homens jovens universitários - aqui mencionados com nomes fictícios iniciados pela letra **S**. Apesar de serem oito os homens com ensino superior da primeira pesquisa, foram estudados apenas sete deles porque um deles estava fora da faixa etária focalizada. Assim, o corpo de análise desta pesquisa é composto de 29 narrativas de homens pertencentes a duas gerações diferentes, que nasceram, trabalham ou estudam na cidade do Rio de Janeiro, e que possuem nível de escolarização compatível com a possibilidade de acesso e compreensão as informações em saúde.

A análise do material baseia-se na proposta de estudo de narrativas de Gomes e Mendonça (2002), ancorada numa perspectiva hermenêutica-dialética, que busca tanto compreender as estruturas subjacentes aos relatos quanto contextualizá-los e problematizá-los nos seus cenários sócio-culturais. Esses autores observam que a narrativa – relato elaborado na relação entre um narrador e um ouvinte – é um espaço possível para se apreender a relação entre representações culturais e experiência. Neste tipo de relato, as fronteiras entre ficção e realidade nem sempre são nítidas e o passado, o presente e o futuro se articulam.

Ainda com base na proposta de Gomes e Mendonça (2002), numa primeira etapa, busca-se compreender o contexto das narrativas de construção da sexualidade e de autocuidado em saúde de homens de duas gerações distintas a partir de um breve

estudo do contexto histórico e sociocultural da sexualidade em relação às primeiras experiências sexuais masculinas.

A segunda etapa tem como objetivo, desvendar os aspectos estruturais da narrativa – os cenários, os personagens e espaços evocados, eventos mencionados para se contar como aconteceu, o enredo e o desfecho delineado pelos narradores.

Como terceira etapa, foi elaborada uma síntese interpretativa, em que os dados revelados pelas narrativas dialogaram com contexto sócio-histórico.

CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Os sete sujeitos da Pesquisa I, que possuíam ensino superior completo, quando foram entrevistados, encontravam-se na faixa de 40 a 49 anos.

Dentre os sujeitos analisados neste estudo, segundo a classificação do IBGE, três se declararam de cor branca, dois de cor preta e dois de cor parda. Em relação ao estado civil, três eram casados (incluindo as uniões estáveis) e quatro solteiros. Os entrevistados declararam renda mensal familiar entre 10 e 20 salários mínimos. Entre as atividades exercidas, identificamos as profissões de professor, psicólogo, engenheiro e advogado.

Os 22 sujeitos que compõe a Pesquisa II, quando foram entrevistados, encontravam-se na faixa etária entre 21 a 24 anos. Segundo a classificação do IBGE, 14 se declararam de cor branca, quatro de cor preta e quatro de cor parda. Entre eles nenhum era casado, apenas um divorciado e dois indicaram outras opções. A renda média mensal familiar declarada foi de 6 a 10 salários mínimos. Estes sujeitos declararam ser estudantes de Serviço Social, História Arquitetura, Administração, Informática, Música, Pedagogia, Moda e Comunicação Social.

A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE: CENÁRIOS, PERSONAGENS E ESPAÇOS EVOCADOS NAS NARRATIVAS

Neste estudo a construção da sexualidade está sendo abordada a partir das primeiras experiências sexuais que foi descrita mais detalhadamente pelo grupo de entrevistados da pesquisa I, considerando que o tema iniciação sexual foi abordado diretamente na entrevista. No entanto, foi possível identificar que **penetração** é um significado para iniciação sexual recorrente nas duas pesquisas tanto nas relações envolvendo parceiros de sexos diferentes como naquelas que envolvem parceiros do mesmo sexo, corroborando com a maioria dos estudos sobre sexualidade (Abromovay, Castro, Silva, 2004; Borges, Schor, 2005; Taquette, Vilhena, Paula, 2004; Rebello, Gomes, 2009)

Entretanto, os homens da pesquisa I ao se reportarem às suas primeiras experiências sexuais se referem às brincadeiras em grupos de amigos, onde as 'bulinações' e a 'masturbação' são roteiros de sexualidade. Nesse sentido, esta experiência iniciática ganha significados de aprendizado corporal (Rebello e Gomes, 2009). Destes roteiros emergem como personagem as turmas de bairro, as revistas e livros proibidos, muitos destes trocados entre amigos de escola.

(...) existia muita brincadeira no meio da rua (...) nessa época tinha algumas meninas que se dispunham a fazer bolinações, não tinha penetração, era bolinação, e eu ficava ali participando e acabava sobrando para mim, uma brincadeira ou outra com a menina" (Mário 45 anos).

(..) a solução das companhias era a seguinte: tem as revistas e vamos passear pelo mundo maravilhoso das revistas com as mulheres mais lindas do mundo (Mário 45 anos).

Em relação à primeira experiência sexual com penetração os cenários transitam entre o espaço público e o privado. Se para os homens da pesquisa I a rua, a praia, o carro – espaço público - servem de cenário para os roteiros sexuais, para os homens da pesquisa II este cenário passa a ser casa dos pais e de amigos – espaço privado.

Outro cenário que aparece na fala dos homens da pesquisa I são os espaços onde o sexo é pago e neste sentido tanto emergem as casas de prostituição como outras

realidades. As casas de prostituição e “zonas” foram espaços evocados para o aprendizado do sexo e para as transgressões sexuais.

(...) na época a gente chamava de zona... Então aquilo era... era assim, pô, tinha que ir. Assim, era um programa é... era um programa válido. Hoje uma coisa meio impensável (Murilo, 47 anos)

Os homens da pesquisa I, que declararam fazer sexo com outros homens, descreveram como espaços de encontro os guetos, tendo em vista que ainda hoje encontram dificuldade de aceitação de sua sexualidade nos espaços públicos.

Você não pode entrar numa relação de sedução em qualquer ambiente, em qualquer lugar... você não sabe se vai encontrar um homofóbico na sua frente. As pessoas podem ficar escandalizadas. Existe certa vigilância, certo controle... então você vai para determinados lugares, chamados guetos. (Marcio, 40 anos)

Nas narrativas da Pesquisa II, os cenários se ampliam devido aos avanços tecnológicos da Internet:

[se referindo a barebacking] transa com qualquer um sem camisinha...roleta russa...entra na Internet que você vai ver, tem clube e tudo...(Sidnei, 22 anos)

Ainda que os jovens não tenham vivenciado aquilo que se vê na Internet ou ainda que isso se situe só no plano ficcional, o cenário virtual passa a ser um espaço em que se torna mais público aquilo que antes se situava mais na instância do privado.

Outro cenário que surge nos dois grupos com o mesmo significado é o carnaval: cenário de sexo, promiscuidade e rotatividade de parceiras onde as transgressões

são liberadas e tudo é permitido. Cabe destacar que na pesquisa II o carnaval é mais citado em função de ter sido utilizado como disparador nas entrevistas sendo tema das campanhas de incentivo ao uso de preservativo neste período.

*No Carnaval...com quantas meninas você ficou? Quantas meninas você beijou? [se referindo à cobrança dos amigos]
(Murilo, 47anos)*

Carnaval foi transar com quantas mais pudesse. Até esgotar...(Samuel,22 anos)

Em termos de personagens, nas narrativas das duas pesquisas, as mulheres surgem como principais protagonistas nos relatos das experiências sexuais. Poucos relatos mencionaram homens em suas histórias, demonstrando que a heterossexualidade ainda é normativa. Nesse sentido, são apresentadas como namoradas, esposas, amigas ou como 'prostitutas', 'empregadas', mulheres da rua. Além destas, a mulher mais velha, surgiu na pesquisa I como a personagem que ensina ao homem a se relacionar, algumas vezes associadas à profissionais do sexo.

Conheci uma mulher mais velha e... e foi minha primeira transa (Marcelo, 41 anos)

As namoradas e amigas surgiram como personagens das primeiras experiências sexuais dos jovens da pesquisa II tendo em vista que os pais trouxeram a sexualidade de um espaço público para o privado, ou seja, das ruas, casas de prostituição e carros para casa dos pais e das namoradas. (Bozon, 2004; Bozon, 2003).

No entanto os jovens da pesquisa II classificaram os parceiros sexuais, como confiáveis ou não confiáveis. De um modo geral, os parceiros confiáveis eram aqueles com quem se estabeleciam laços afetivos, que podiam decorrer ou não de relacionamentos estáveis estando no campo do privado (casa). Os parceiros

considerados não-confiáveis envolviam relações eventuais, sem envolvimento afetivo que são do campo do público (rua).

Quanto maior a confiança menor os cuidados...quando eu conheço, não me preocupo muito (Serafim, 21 anos)

Os **amigos** são valorizados, presentes da mesma forma nas narrativas das duas pesquisas. Tanto na iniciação sexual quanto nas outras relações observa-se a influência dos amigos nos roteiros sexuais.

Então tinha uns amigos que pegavam a empregada e eu sempre tinha na minha cabeça: calma, porque teu dia vai chegar... (Marcelo, 41 anos)

Acho que o que mais interfere é essa relação mais íntima que se dá no dia a dia com seus colegas (Silvio, 22 anos)

Em todas as narrativas da Pesquisa I, a masturbação surge como um personagem importante. Esta pode ser vista não só como uma tecnologia preparatória para o desempenho sexual, como também pode traduzir-se na viabilização do desejo e do gozo. Em alguns relatos, a masturbação apareceu associada às revistas pornográficas. Na década de 70, com a regulamentação e a censura dos filmes que mostravam atividades sexuais, as revistas de pornografia, que eram clandestinas, serviam como estímulo à atividade masturbatória considerada uma forma de aprendizado (Bozon, 2004).

De treze [anos] para frente o despertar da sexualidade, com muita masturbação em casa... não tinha iniciativa de me aproximar das pessoas pela inibição e o remédio... a solução era as revistas (Mario, 45 anos)

A masturbação não aparece nos relatos dos jovens da Pesquisa II, apesar de estudos apontarem que esta é uma prática bastante comum, sendo vista como parte constitutiva do processo de iniciação sexual (Rebello e Gomes, 2009). Dentre outras questões, observa-se que existe dificuldade em lidar com esse tema, considerando que alguns estudos (Heilborn e colaboradores, 2006), mostram que a afirmação desta prática denuncia uma condição de inexperiência sexual, causando constrangimento e vergonha.

Por último, em termos de personagens das narrativas destaca-se o preservativo que na pesquisa II aparece associado à prevenção.

Quanto à sexualidade, em que cuidar...seguro, com camisinha...contra a igreja católica e tudo, mas tem que usar...temos que nos prevenir (Solano, 24 anos)

Sobre esse personagem, algumas observações devem ser consideradas. O fato de este integrar todas as narrativas da Pesquisa II de uma forma positivada não garante que seja um personagem sempre presente nas práticas sexuais dos sujeitos dessa pesquisa. Muitas dessas narrativas revelaram algumas ambiguidades sobre o uso do preservativo: proteção X medo de perder o prazer; adesão às informações das campanhas X influência do senso comum de que diante da aparência das pessoas o uso pode ser dispensável; sentido de sexo seguro X sentido de infidelidade; necessidade de se cuidar X cuidado associado ao ser feminino e não ao masculino; uso como controle X sexualidade masculina vista como desenfreada.

A ausência do preservativo nas narrativas da Pesquisa I pode ser vista com a argumentação de que a AIDS não faz parte do cenário da juventude dos anos 70. Entretanto, isso pode ser contra-argumentado pelo fato desse recurso nessa época já ser visto como forma de se prevenir de infecções sexualmente transmissíveis. Talvez o que melhor explica essa ausência é que com as campanhas voltadas para AIDS, o preservativo passou a ser um dos personagens centrais e isso, pelo menos no nível dos discursos, vem influenciando narrativas sexuais masculinas. Inquéritos populacionais realizados no Brasil constatam que houve um aumento substantivo no uso de preservativos, no período de 1998 a 2005 em todos os tipos de parceria analisados, sendo aproximadamente 14% entre homens e mulheres somente com

parcerias estáveis, 15% entre aqueles apenas com parcerias eventuais e 22% nas parcerias estáveis e eventuais (Berquó et al, 2008)

A HETEROSSEXUALIDADE COMO ENREDO

A heterossexualidade destaca-se como principal enredo nas narrativas das duas pesquisas, corroborando com o pensamento de autores, a exemplo de Welzer-Lang (2001), que apontam a heterossexualidade como um eixo estruturante para a sexualidade masculina.

Tanto nas narrativas da Pesquisa I como nas da Pesquisa II, esta surge como um enredo hegemônico, traduzido por um roteiro padrão necessário para ser considerado socialmente como um homem, demonstrando que este enredo atravessa gerações.

Mesmo nos depoimentos de homens que declararam fazer sexo com outros homens, este padrão hegemônico é mantido através das gerações, considerando que a construção de sua sexualidade foi vivida com intensos conflitos ao não se sentirem “normais” nem aceitos por sua família e por seu meio social.

Meu desejo não era um desejo e não é um desejo e dentro daquilo que está concebido como... como sendo normal. Então isso trouxe conturbações bastante grandes (Márcio, 40 anos).

No depoimento de dois homens jovens que compõem o grupo de entrevistados da pesquisa II, a homossexualidade é associada à “prática de atos condenáveis” demonstrando uma luta por espaço num confronto com o modelo dominante.

Gosto de homem... experimentei e gosto de homem e daí... não roubei não matei... o corpo é meu. (Sidnei, 22anos)

Heterossexual é dominante... quando você abre espaço para o dominado [homossexual]... o dominado ganha espaço e o

dominante perde... o dominante quer que o dominado lute pelo seu espaço, contanto que ele não perca o dele... não mexe no meu espaço porque o meu espaço está garantido e você quer tirar o que é meu (Serafim, 21 anos)

No entanto, a relação entre parceiros do mesmo sexo emerge como uma possibilidade, na fala de outros homens da mesma pesquisa, reprovando preconceitos e tabus existentes na sociedade.

A questão dos gostos do cara [se referindo aos limites da sexualidade], preferências sexuais do cara, se o cara é hetero, bi, punk todas estas denominações que foram criadas para distinguir a sexualidade humana... é saber como ele curte mesmo, saber o que é bom para el (Salomão, 22 anos)

Estudos destacam que “na década de 90 a partir das lutas que deram mais visibilidade à homossexualidade e à liberdade sexual, surge um heterossexismo diferenciado que aceita o fato de existir seres diferentes os/as homossexuais, e, por consequência, é normal e progressista lhes dar alguns direitos”. (Welzer Lang, 2001:468)

Ao defender os direitos de expressão da sexualidade, o medo de ser confundido com homossexuais reforça o predomínio da herança cultural de um enredo heterossexual como hegemônico.

As relações homossexuais tem a fama da promiscuidade... a rotatividade de parceiros é bem maior. (Samuel, 22 anos)

Nos seios das famílias... que ainda vêem com muito receio... o seu filho ou as filha... mostrando ser homossexuais... preconceito e não aceitação da própria família e da sociedade que vê isso como aberração (Sandro, 23 anos)

Portanto, embora se diga “no jargão do mercado, que a homossexualidade está se transformando em um estilo de vida aceitável” (Griffin, 2005), e que os homens estão se adaptando e assimilando novos padrões de masculinidade, identifica-se uma tensão entre a manutenção da hegemonia do homem como heterossexual e a assimilação de novos conceitos de uma sexualidade mais livre, provocando algumas mudanças nos valores que permeiam as narrativas dos homens.

A hegemonia da heteronormatividade ainda continua bastante presente no imaginário social, podendo ser ilustrada com os resultados de uma pesquisa (Almeida, 2007) realizada em 102 municípios brasileiros, com amostra probabilística de 2.363 participantes. Segundo a investigação, 89% dos entrevistados foram contra a homossexualidade masculina e 88% contra a feminina.

Estudo de Paiva e colaboradores (2008), que compara dois inquéritos populacionais realizados em 1998 e 2005, observa que os preconceitos contra as minorias homossexuais ainda é marcante e a aprovação da relação sexual entre pessoas do mesmo sexo vem surgindo de forma tímida. Os autores consideram que os fundamentalismos religiosos contribuem para o conservadorismo contra a homossexualidade. Por isso, vêem como saída as políticas laicas voltadas para a sexualidade, ao viabilizarem um diálogo mais aberto entre as diversas perspectivas sobre o tema.

A CONJUGALIDADE COMO DESFECHO

A conjugalidade surge como desfecho na maioria dos roteiros, reforçando a concepção de amor romântico e valorização da fidelidade, integridade, afetividade como qualidades dos parceiros nas relações afetivo-sexuais ainda que na seleção dos parceiros apareçam diferenças de gênero significativas quanto aos predicados preferenciais (Oltramari e Camargo, 2010; Aboim, 2009; Heilborn, 2004).

Talvez se for a garota da minha vida... se um dia eu tiver casado ... (Sebastião, 23 anos)

Como aponta Bozon (2003), se por um tempo a sexualidade era um dos atributos do papel social dos indivíduos casados, na sociedade contemporânea tornou-se uma experiência interpessoal indispensável à existência da união.

Mello e Novais (1998) afirmam que nos anos 90, o casamento passa a ser um contrato entre livres e iguais onde a confiabilidade, a fidelidade, a responsabilidade, e a honestidade são mais valorizadas que o amor-paixão ou o amor-verdadeiro.

Eu sou casado e... a minha vida... a minha vida sexual se restringe ao casamento e tal. É monogâmica. Mas é... a... mas eu tenho assim, a... a impressão de que se eu fosse procurar, eu ia ter muito que aprender ainda (Murilo, 47 anos).

Para Oltramari e Camargo (2010), tanto o amor quanto a conjugalidade se estabelecem como um jogo social da mesma forma que qualquer outra interação humana. Esse jogo aparece nas narrativas dos dois grupos analisados. Os homens da pesquisa II se referem ao casamento, como ponto de chegada e final da liberdade sexual, entendendo que deve haver fidelidade entre um casal para manter a relação de confiança, de afeto e não necessitar usar preservativos.

Se você tem uma pessoa fixa, casado, se você tá infeliz, tem que reverter à situação. Não ficar pulando cerca, não trair sua parceira, porque da mesma maneira que você tá sujeito a pegar AIDS ...tem que tomar cuidado com a pessoa que está ao teu lado. (Sinval, 22 anos)

Após o casamento sim vai haver relações sem camisinha, porque a confiança é algo que existe... até para manter a confiança, acho que é fundamental..Sabino, 23 anos)

Entretanto, para os homens da pesquisa I, o casamento não significa necessariamente viver uma relação monogâmica, podendo haver outras relações desde que esta não ameace seu casamento.

Sou casado, tenho quase vinte anos de casamento, basicamente eu não procuro aventuras. Também não sou santo, por assim dizer, se ocorrer, eu... a não ser que seja algo que eu tenha em mente, que eu vou é estar colocando em jogo o meu casamento, alguma coisa que vá me comprometer, é claro que eu vou me portar, mas... se acontecer eu não me culpo (Miguel, 44 anos).

Alguns estudos observam que esta visão encontrada nos jovens no que se refere à fidelidade não deve ser entendida como sinal de uma nova mentalidade geracional já que diz respeito a um momento específico de suas trajetórias de vida que difere da realidade dos homens mais velhos que já viveram relações desgastadas, separações, satisfações e insatisfações com a vida de casado. Entretanto, encontram-se diferenças nos comportamentos das duas gerações ligadas a questões de gênero. Nas gerações anteriores “a mulher era mais interdita, o homem mais livre, e a infidelidade masculina mais tolerada”. (Heilborn, Cabral & Bozon, 2006: 213)

SEXUALIDADE E AUTOCUIDADO: O QUE PENSAM OS HOMENS?

Nos dois grupos de homens encontramos significados semelhantes para o autocuidado em saúde. Ambos consideram a prevenção e os cuidados do corpo como as principais formas de se cuidar. No entanto, embora alguns significados perdurem no imaginário coletivo, as situações sociais que os homens se deparam nem sempre lhes permite atender a este apelo (Vaitsman, 1998). Nos relatos analisados, os homens reconhecem que ainda falta algo que faça diferença para que o hábito de se cuidar possa ser incorporado e se tornar uma cultura masculina, entendendo que o autocuidado está essencialmente ligado ao feminino não sendo, portanto considerado como atribuição masculina.

Os entrevistados destacam as diferenças entre a fisiologia da mulher e do homem associando a mulher a reprodução e por isso mais habituada a ir a médicos, especificamente ginecologistas. Ainda, os homens da pesquisa II, consideram que só os homens mais velhos necessitam se cuidar.

As mulheres procuram mais o médico...é cultural. Os homens só consertam a fechadura depois que a porta foi arrombada, ou seja, vai ao médico só quando sente dor (Mateus 49 anos)

Diferentemente das mulheres, que são um tanto levadas culturalmente a se cuidar... a ir ao ginecologista...os homens não tem esse hábito, a não ser quando estão ficando mais velhos...(Saulo,22 anos)

Na relação entre prevenção e sexualidade, a AIDS é denominada pelo grupo II como “doença cabo de morte” e ter relações sexuais com parceira desconhecida é associado a “uma bomba biológica”. Neste sentido os cuidados com prevenção tomam um significado de privação, ao se referirem aos limites impostos pela doença (AIDS).

A ideia de que AIDS é doença do outro, traz nos dois grupos resquícios de alguns conceitos da lógica higienista, marcando diferenças entre o corpo do homem e da mulher.

As vezes você pode encostar em alguma coisa assim, digamos assim, você vai num bar e tá apertado pra ir ao banheiro, você vai no bar. Você senta no vaso daquele bar e ali você pega uma micose. Pro homem isso não é tão comum, sentar no vaso de um bar, mas pra mulher é extremamente comum...(Sabino, 23 anos)

Incentivar seus amigos a usar camisinha como forma de proteção... uma boa... assepsia também, né... higiene com as partes íntimas... (Sergio, 23 anos)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao afirmar que os enredos sexuais e o autocuidado em saúde são influenciados pelo modelo de masculinidade hegemônico, em parte, confirma-se o pressuposto de que o enredo heterossexual ainda permanece como eixo estruturante da masculinidade. Entretanto, observa-se que o roteiro sexual destes homens pode variar de acordo com o universo geracional em que se insere, provocando algumas mudanças.

Nesse estudo foi analisado a transformação dos comportamentos sexuais ocorridos no intervalo entre 1970 e 1990, considerado como período de liberação sexual e rupturas sociais. Apesar do tempo que os separa, certos comportamentos parecem muito semelhantes considerando que os processos de mudanças que falam de temporalidades distintas apresentam persistências, marcando também singularidades e peculiaridades.

Nos depoimentos dos homens que compõe o acervo desta pesquisa, apesar de perceber a permanência dos padrões hegemônicos de masculinidade, identificam-se algumas modificações nos cenários, personagens, espaços e nas instituições que ganham novo significado de acordo com o macrocenário vivido em cada época.

A ruptura dos papéis no âmbito público e privado atribuída ao gênero, na década de 70, produziu transformações marcantes no modo como homens e mulheres passaram a construir suas identidades valorizando autonomia e igualdade inclusive na condução de suas relações afetivas. Isto propiciou nos homens um confronto entre a inadequação da construção social do masculino e as novas demandas femininas. Este confronto trouxe mais diálogo e maior abertura das ideias no campo da sexualidade interferindo na transmissão de valores para a geração seguinte.

A partir daí, a sexualidade juvenil, de certa forma, tornou-se socialmente aceita não sendo mais vista como período preparatório para o casamento. Com isto ocorreu o deslocamento das práticas sexuais do espaço público para o espaço privado, marcando uma importante transformação, nos anos 80, no cenário da sexualidade.

Esta mudança pode ser observada nas narrativas dos sujeitos da pesquisa ao serem analisados os personagens e espaços que compõem os roteiros sexuais de iniciação sexual. Para a geração dos anos 70 os espaços evocados foram as ruas, carros, "zonas" e casas de prostituição, e os personagens em geral foram as prostitutas, empregadas domésticas e mulheres mais velhas. Já os jovens da geração dos anos

90, após as conquistas dos movimentos feministas ocorridas nas gerações anteriores, passaram a ter como personagem de suas primeiras experiências sexuais suas namoradas, utilizando como espaço suas próprias casas.

Essas mudanças observadas nas narrativas, tanto em relação aos cenários da iniciação sexual, quanto aos personagens femininas, apontam para o fato de os enredos sexuais dos homens jovens não serem necessariamente iguais aos dos nossos pais.

Portanto, observam-se permanências e rupturas de padrões estereotipados e algum desejo de mudanças, que refletem a forma como o homem contemporâneo vive e cuida de si. Críticas à manutenção dos modelos hegemônicos e reflexões sobre a construção de novas possibilidades de viver já são observadas e são o primeiro passo para uma transformação no cuidado em saúde.

Apesar de entender que as diferenças e desigualdades de gênero não foram abolidas, considera-se relevante que estas estão sendo redefinidas, redimensionadas e ressignificadas. São sem dúvida movimentos de idas e vindas da construção de uma nova forma de masculinidade, como ondas, que muitas vezes podem trazer ideias novas e em outro momento retomar aquelas que pareciam superadas, sem com isso negar a existência das subjetividades dos atores sociais.

ⁱ Na Biblioteca Virtual em Saúde, o termo autocuidado é citado como descritor, sendo definido como cuidado prescrito por médico ou efetuado pela própria pessoa e inclui cuidado para si mesmo, família ou amigos. No entanto, neste estudo, o autocuidado não está sendo vinculado à prescrição médica, mas as negociações de medidas preventivas envolvendo sexualidade e saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- Aboim S. Revista Brasileira de Ciências Sociais , jun 2009 ;24 (70):107-185,
- Abromovay M, Castro MG, Silva LB. Juventude e sexualidade. Brasília. Unesco, 2004.
- Almeida AC. A cabeça do brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- Alves MFP, Sexualidade e Prevenção de DST/AIDS: representações sociais de homens rurais de um município da Zona da Mata pernambucana, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, 2003;19(2): 429-439.
- Alves AM. Fronteiras da relação. Gênero geração e a construção de relações afetivas e sexuais. Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana 2009; 3: 10-32.
- Berquól, E.; Barbosa, R. M.; Lima, L. P.; Grupo de Estudos em População, Sexualidade e Aids. Uso do preservativo: tendências entre 1998 e 2005 na população brasileira. Revista Saúde Pública 2008;42(Supl 1):34-44.
- Borges ALV e Schor N. Homens adolescentes e vida sexual: heterogeneidade nas motivações que cercam a iniciação sexual. Cadernos de Saúde Pública, 2007; 23(1): 25-234.
- Bozon M. Sociologia da Sexualidade. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 2004.
- _____ Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. *Cad. Pagu* [online]. 2003, n.20, pp. 131-156.
- Costa RG. Saúde e masculinidade: reflexões de uma perspectiva de gênero. Revista brasileira de Estudos de População, 20(1): 79-92, 2003
- Courtenay WH. Construction of masculinity and their influence on men's well-being: a theory of gender and health. *Social Science and medicine*, 2000; 50: 1385-1401.
- _____ A global perspective on the field of men's health: an editorial. *Int J Men's Health* 2002;1(1):1-13
- Domingues JM. Gerações, modernidade e subjetividade. *Tempo Social, Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 14(1): 67-89, maio de 2002
- Féres-Carneiro, Terezinha. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicol. Reflex. Crit.*, 1997, vol.10, no.2, p.351-368
- Gagnon J H, Uma interpretação do desejo: estudo da sexualidade. Rio de Janeiro:Garamond, 2006.
- Gomes R. A construção da masculinidade como fator impeditivo de cuidar se si. Projeto de Pesquisa vinculado á Bolsa de produtividade em Pesquisa apoiado pelo CNPq. Rio de Janeiro: IFF/ Fiocruz; 2004.
- _____. Masculinidade e Cuidados e Saúde. Projeto de Pesquisa vinculado á Bolsa de produtividade apoiado pelo CNPq. Rio de Janeiro; IFF/Fiocruz; 2006.

_____ Sexualidade Masculina e Saúde do Homem: proposta para uma discussão. *Ciência e Saúde Coletiva*, 2003 ; 8(3): 825-829

_____ Sexualidade Masculina, Gênero e Saúde. Rio de Janeiro. Editora Fundação Oswaldo Cruz, 2008

Gomes R et al. As arranhaduras da masculinidade: uma discussão sobre o toque retal como medida de prevenção do câncer prostático. *Ciência e Saúde Coletiva*, 2007. Disponível em: < [http:// www.cienciaesaudecoletiva.com.br](http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br) > Acesso em 5ago 2010.

Gomes R e Mendonça EA. A representação e a experiência da doença: princípios para a pesquisa qualitativa em saúde. In Minayo MCS, Deslandes SF (organizadores). *Caminhos do Pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2002.

Goldenberg, Mirian. *Ser homem-ser mulher: dentro e fora do casamento*. Rio de Janeiro: Revan, 1991

Giffin, K 2005 A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico *Ciênc. saúde coletiva*. jan/ mar 2005;(10) 1 .

Heilborn ML, Cabral CS, Bozon M. Valores sobre a sexualidade e elenco e práticas: tensões entre modernização diferencial e lógicas tradicionais. In: Heilborn ML et al (Orgs) *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond, Editora Fundação Oswaldo Cruz, 2006

Heilborn ML. *Dois é par: gênero e identidade social em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

Korin D. Nuevas perspectivas de gênero em salud. *Adolescencia Latinoamericana*, 2001; 2(2): 67-79.

MS, Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: Princípios e Diretrizes, MS, Brasília, 2009: 8

Novais FA e Mello JMC .Capitalismo tardio e sociabilidade moderna In: Novais FA Org. *História da Vida Privada do Brasil*. Vol 4 São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p.561-658.

Oltramari LC e Camargo BV. *Psicologia em Estudo*, Maringá, abr./jun. 2010; 15 (2): 275-283,.

Paiva V, Aranha, F, Bastos FI. Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. *Revista de Saúde Pública* 2008; 42 (Supl 1):54-64.

Payne S. Gender influences on men's health. *The Journal of the Royal Society for the Promotion of Health* 2004 124 -206 Disponível em: <http://rsh.sagepub.com>

Rebello LEFS e Gomes R. Iniciação sexual, masculinidade e saúde: narrativas de homens jovens universitário. *Ciênc. Saúde Col* 2009; 14(2): 653-660.

Schraiber LB, Gomes R e Couto M. Homens na pauta da Saúde Coletiva. *Ciência e Saúde Coletiva*, 2005 ; 10(1): 17.

Taquette SR, Vilhena MM, Paula MC. Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública* 2004; 20(1) 283-290.

Vaitsman J. Flexíveis e Plurais. Identidade, casamento e família em circunstâncias pós modernas. Rio de Janeiro: Ed Rocco; 1994.

Weller W. Karl Mannheim: Um Pioneiro da Sociologia da Juventude. In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia; 2007; Recife. [acesso em 3 mai 2010] Disponível em <http://www.espm.br/nucleoestudosdajuventude.pdf>.

Welzer-Lang D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas* 2001 ; (2): 460-482.

Considerações Finais

Este estudo objetivou analisar a relação entre os sentidos atribuídos à sexualidade masculina e ao autocuidado em saúde por homens de duas gerações. A análise buscou identificar cenários, personagens e enredos sexuais presentes nas narrativas e ainda como esses homens situam o autocuidado em saúde no cenário da sexualidade. Partiu-se do pressuposto de que o modelo hegemônico de masculinidade influencia os enredos sexuais e o autocuidado em saúde de homens de diferentes intervalos geracionais, ainda que estes homens tenham acesso à informação.

Através da análise da fala dos sujeitos da pesquisa foi possível perceber que o enredo heterossexual ainda permanece como eixo estruturante da masculinidade. Entretanto, algumas mudanças, relacionadas ao macrocenário de cada época, foram identificadas nos cenários, personagens, espaços e nas instituições ganhando novo significado.

As transformações ocorridas nos anos 70/80 marcaram uma importante modificação no cenário da sexualidade. A aceitação social da sexualidade juvenil antes do casamento propiciou o deslocamento das práticas sexuais do espaço público para o espaço privado.

Esta mudança pode ser observada nas narrativas dos sujeitos da pesquisa ao serem analisados os personagens e espaços que compõem os roteiros sexuais de iniciação sexual. Para a geração dos anos 70 os espaços evocados foram as ruas, carros, "zonas" e casas de prostituição, e os personagens em geral foram as prostitutas, empregadas domésticas e mulheres mais velhas. Já os jovens da geração dos anos 90, após as conquistas dos movimentos feministas ocorridas nas gerações

anteriores, passaram a ter como personagem de suas primeiras experiências sexuais suas namoradas, utilizando como espaço suas próprias casas.

Com isto, surgem significados ambivalentes atribuídos à sexualidade, que permeiam as narrativas dos jovens. Por um lado, existe um discurso conservador, onde os enredos de heterossexualidade ilustram a resistência às mudanças. Por outra ótica, pode-se perceber outro discurso onde há uma concessão frente à liberação das minorias sexuais, a igualdade sexual entre mulheres e homens e os direitos dos homens e mulheres no casamento. Destaca-se, ainda, na maioria dos roteiros, desfechos ligados à ideia de conjugalidade, reforçando a concepção de amor romântico e valorização da fidelidade, integridade, afetividade como qualidades dos parceiros nas relações afetivo-sexuais. Essa ambivalência evidencia que a permanência de alguns modelos culturais presentes na nossa cultura convivem com a tentativa de construção de uma nova masculinidade demonstrando a existência de um desafio nas mudanças de conduta no âmbito da sexualidade e nas relações de gênero.

Em relação ao autocuidado em saúde, foi possível perceber que nas duas gerações estudadas embora os homens reconheçam a necessidade de se cuidar, os significados atribuídos ao autocuidado em saúde ainda são influenciados pelos modelos de masculinidade hegemônicos. Estes desafios são demandados pelo meio social e cultural e são reproduzidos de forma crítica pelos sujeitos quando se referem à qualidade da informação recebida sobre saúde sexual. Com base nas narrativas, questiona-se se o avanço tecnológico, que pode ser utilizado para informar, dando novo significado ao autocuidado em saúde, realmente está resultando em adesões a esse cuidado.

No que tange à qualidade da informação, os homens deste estudo apontam para a ausência de espaços nas Instituições de saúde onde poderiam falar de si e assim receber informações de melhor qualidade.

Ao dar voz a esses sujeitos através de suas narrativas, evidenciam-se razões para a realização de estudos que aprofundem a relação entre o falar de si e o cuidar de si. Junto a isso, à medida em que melhor se compreenda o contexto histórico em que o falar de si se insere, pode-se melhor entender as dificuldades humanas dando subsídio para mudanças estruturais na sociedade em geral.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (DO CAPÍTULO 1 E DAS CONSIDERAÇÕES
FINAIS):**

1. Gomes, R. A construção da masculinidade como fator impeditivo de cuidar de si. Projeto de Pesquisa vinculado à Bolsa de produtividade em Pesquisa apoiado pelo CNPq. Rio de Janeiro: IFF/ Fiocruz; 2004.
2. Velho, G Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 1981
3. Vaitsman J. Flexíveis e Plurais. Identidade, casamento e família em circunstâncias pós modernas. Rio de Janeiro: Ed Rocco; 1994
4. Gomes R A construção da masculinidade como fator impeditivo de cuidar de si. Projeto de Pesquisa vinculado à Bolsa de produtividade em Pesquisa apoiado pelo CNPq. Rio de Janeiro: IFF/ Fiocruz; 2004.
5. Weller W. Karl Mannheim: Um Pioneiro da Sociologia da Juventude. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife, Pernambuco Disponível em <http://www.espm.br/nucleodeestudosdajuventude.pdf>>
6. Heilborn, ML. "Construção de si, gênero e sexualidade", in: Heilborn, Maria Luiza. (org.). Sexualidade: o olhar das ciências sociais, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999; 40-59.
7. Bozon M Horizontes Antropológicos, Porto Alegre; ano 8, junho 2002; (17): 93-100.
8. Gagnon JH. Uma interpretação do desejo: ensaio sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Editora Garamond; 2006
9. Alves AM. Fronteiras da relação. Gênero geração e a construção de relações afetivas e sexuais. Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana 2009; 3: 10-32.
10. Gomes R. Sexualidade Masculina e Saúde do Homem: proposta para uma discussão. Ciência e Saúde Coletiva, 8(3): 825-829, 2003
11. Carrara S Russo JA Faro A política de atenção à saúde do homem no Brasil: os paradoxos da medicalização do corpo masculino Physis 2009; 19 (supl.3).
12. Schraiber LB, Gomes R e Couto M. Homens na pauta da Saúde Coletiva. Ciência e Saúde Coletiva, 2005; 10(1): 17.
13. Bozon M. Sociologia da Sexualidade. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 2004

-
14. Motta AB. Gênero, idades e gerações. Cadernos CRH. Salvador. Dez 2004; 17 (42) : 349- 355
 15. Domingues JM. Gerações, modernidade e subjetividade. Tempo Social. Rev. Sociol. USP, São Paulo Mai 2002 14(1): 67-89.
 16. Groppo LA . Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel; 2000.

 17. Gomes R. Sexualidade Masculina, Gênero e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.
 18. Fernandez PM. Masculinidade: nuevas construcciones o más de lo mismo? Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales 2001,vol7nº2 (mayo-agosto):13-34.<http://www.hombresigualdad.com/nueva-masculinidad-nueva-construccion.pdf>>, (acessado em 26/jul/ 2009).
 19. Del Priore M. História do amor no Brasil. São Paulo: Contexto, 2005
 20. Welzer-Lang D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Estudos feministas 2001; (2): 460-482.
 21. Costa RG. Saúde e masculinidade: reflexões de uma perspectiva de gênero. Revista Brasileira de Estudos de população, 2003; 20(1): 79-92.
 22. Gomes R et al. As arranhaduras da masculinidade uma discussão sobre o toque retal como medida de prevenção do câncer prostático. Ciência e Saúde Coletiva, 2007. Disponível em [http// www.cienciaesaudecoletiva.com.br](http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br). Acesso em 23 out.2010
 23. Korin D. Novas perspectivas de gênero em saúde. Adolescência Latinoamericana, 2001; 2 (2): 67-79.
 24. Courtenay WH. Construction of masculinity and their influence on men's well-being: a theory of gender and health. Social Science and medicine, 2000; 50: 1385-1401.
 25. Courtenay WH A global perspective on the field of men's health: an editorial. *Int J Men'sHealth* 2002;1(1):1-13
 26. Payne S. Gender influences on men's health. The Journal of the Royal Society for the Promotion of Health 124; 206,2004;.Disponível em: <http://rsh.sagepub.com>
 27. Connel R. La organizacion social de la masculinidad. Biblioteca virtual de ciencias sociales. Disponível em www.hombresigualdad.com acesso em 2 ago 2010. Tradução do original: The social organization of masculinity in: Masculinities University of California Press, Berkeley, 1995
 28. Silva SG . A crise da masculinidade: uma crítica a identidade de gênero e a literatura masculinista . Psicologia ciência profissão. Mar 2006: (.26) (1 supl)
 29. Ramos MS. Um olhar sobe o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. In M Goldenberg (org.). Os

novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros. Editora Record, Rio de Janeiro, 2000 : 41-59

30. Deslandes SF, Gomes R. A pesquisa qualitativa em serviços de saúde: notas teóricas. In: Bosi MLM, Mercado FJ, organizadores. Pesquisa qualitativa de serviços de saúde. Petrópolis: Vozes; 2004; 99-120.

31. Minayo MCS. Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde. 9ª; ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco; 2006

32. Gomes R e Mendonça EA. A representação e a experiência da doença: princípios para a pesquisa qualitativa em saúde. In Minayo MCS, Deslandes SF (organizadores). Caminhos do Pensamento: epistemologia e método. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2002

